

A saúde e o trabalho na educação da América Latina

MAGALY ROBALINO*

RESUMO: Este artigo aborda a relação entre condições de trabalho e saúde, abrangendo a compreensão integral de fatores que incidem no desempenho, bem-estar e felicidade dos docentes no exercício da profissão. O trabalho pode contribuir para a realização pessoal e profissional ou desencadear patologias que afetam o bem-estar e o desempenho. E a saúde dos docentes é um tema da agenda da política educativa e, não, restrito ao setor e à responsabilidade pessoal.

Palavras-chave: Condições de trabalho docente. Saúde dos trabalhadores da educação. Doenças laborais. Políticas docentes.

Complexidade e fragmentação

“ Quanto mais alienado, mais doído e mais esteja sofrendo um professor, haverá menos possibilidades de formar um sujeito livre” (KOHEN, 2005a, p. 89); na verdade, nesse processo, “incrementa-se seu mal estar, seu sofrimento, sua sensação de fracasso e frustração, e abre-se uma porta à doença”, afirma Kohen (2005a, p. 89) ao se referir à importância de atender integralmente ao desenvolvimento da profissão docente, incluindo o grande campo das condições de trabalho, o bem-estar emocional e a saúde dos docentes. Esses temas apenas estão começando a ganhar força como problemas de pesquisa e como âmbitos de preocupação das políticas educativas e, de modo particular, das políticas docentes.

No campo da educação os estudos sobre a saúde dos docentes são recentes e escassos, entre outras razões, porque historicamente a docência tem se configurado como um ‘apostolado’, como um ‘serviço social’ mais que um trabalho para

* Médica, educadora e coordenadora da Red Latinoamericana de Estudios sobre Trabajo Docente (Red Estrado), no Equador. Trabalha no escritório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de Quito, como responsável pelo setor de educação. Quito/UIO - Equador. E-mail: <magalyrobalino@hotmail.com>.

o qual se precisaria de estudos sistemáticos, qualificações, critérios de desempenho e processos de avaliação. O conceito de profissionalidade docente surge, relativamente, há pouco tempo no meio dos debates sobre a qualidade da educação e sua relação com o desenvolvimento social e humano dos países. (ROBALINO, 2012, p. 373).

Nessa mesma direção, Birgin (2000, p. 225) destaca que a docência,

herdeira da neutralidade política e religiosa do *normalismo* e do funcionário público, constituiu-se numa complexa articulação entre o vocacional, o moral e a posição funcionária onde o gênero teve um lugar central. Desde este amalgama, o reconhecimento da docência como um trabalho, tardou em marcar presença.

Posteriormente, “as identidades que questionaram esta imagem vocacional do docente, reivindicaram a ideia de um docente trabalhador e/ou profissional” (VEZUB, 2005, p. 5) e contribuíram para o reconhecimento da docência como um trabalho de alta complexidade, tanto pelas implicações que tem o ato mesmo de educar quanto pelo fato de fazê-lo em condições cada vez mais diversas, demandantes e de mudança.

O exercício da docência virou hoje um trabalho muito mais difícil de realizar que alguns anos atrás. Muito mais complexo que nas origens dos sistemas educativos, quando os princípios e valores fundamentais do programa escolar moderno não se questionavam e, pelo tanto, outorgavam legitimidade, proteção e segurança à função do docente. (DUBET, 2004 apud VEZUB, 2005, p. 4).

O desenvolvimento do conhecimento no campo da educação e da pedagogia, sem deixar de reforçar o sentido profundamente humano e social do processo educativo, está demonstrando a necessidade de formar, de modo rigoroso, profissionais com capacidades e competências para trabalhar em cenários diferentes e de mudança; com gerações que têm novos estilos e códigos de comunicação e aprendizado; crianças e jovens afetados pela migração e o deslocamento forçado; em escolas situadas em comunidades com contextos de pobreza, violência, insegurança etc. Essas mudanças sociais e culturais, junto com as novas regulamentações estabelecidas para o trabalho docente (OLIVEIRA, 2008), têm colocado os professores em cenários de trabalho completamente novos. (ROBALINO, 2012, p. 374).

Para esses cenários, aliás, não existem respostas políticas e técnicas, uma vez que os responsáveis pela formação de docentes assumem o papel de assegurar as condições de trabalho adequadas para o exercício da docência.

A docência não é somente uma atividade complexa pelo significado que tem a educação para o desenvolvimento das sociedades e comunidades, mas também porque envolve os seres humanos, com todas as suas diversidades e particularidades. De fato, o ato de educar constrói-se na relação entre seres humanos. A escola é mais que um lugar onde se ministram conhecimentos, que cumpre funções de sociabilização; o trabalho docente é um trabalho de relação docente-aluno, docente-docente, docente-autoridades e docente-comunidade (TOMASINA; LEVIN, 2000).

Um exercício pleno e satisfatório da docência precisa da convergência harmônica nos espaços laborais e de condições favoráveis associadas a aspectos como: a) conhecimento suficiente para cumprir a função (formação inicial e formação contínua); b) entorno físico do âmbito laboral apropriado (infraestrutura, equipamento, facilidade de acesso aos centros de trabalho); c) regulamentações que facilitem e apoiem o cumprimento de sua função e promovam a utilidade no exercício da docência; e d) condições sociais e culturais adequadas nas escolas (trabalho em equipe, cultura institucional solidária, manejo adequado dos conflitos, atenção às necessidades e diversidades de cada membro da comunidade educativa etc.).

Os dois últimos aspectos, em particular, têm recebido pouca ou nenhuma atenção por parte da política pública educativa na maioria dos países da América Latina. As políticas e estratégias dirigidas aos docentes têm focado na melhoria dos ganhos de aprendizado dos estudantes reportada nas provas de medição padronizadas. A partir dos resultados dessas medições, têm se ensaiado ações de capacitação e avaliação para os professores e novas medidas de controle externo para as escolas, sob o suposto equivocado de que o aprendizado (ganho) dos estudantes depende quase exclusivamente do trabalho docente. Essas estratégias respondem, também, à compreensão do trabalho docente como uma prática instrumental em que basta ser “treinado” na aplicação de técnicas, ferramentas e guias, as quais, enquanto melhor predeterminadas estejam, mais apreciadas serão. Ainda, na base dessas ações, está implícita uma maneira de entender a profissão como um espaço para a execução de currículos concebidos e aprovados nos níveis dos especialistas ou técnicos dos ministérios de educação, sem a participação dos docentes e das comunidades educativas (ROBALINO, 2013).

A emergência de outras perspectivas para entender o tema docente de maneira integral é um sinal alentador nos atuais debates de educação e tem sua origem, em grande parte, na pesquisa, reflexão e produção das redes, organizações e coletivos da educação na América Latina, que apostam nas transformações educacionais com a participação ativa dos trabalhadores da educação como sujeitos em pleno exercício dos seus direitos¹.

A valorização da profissão docente inclui, também, a atenção aos diversos aspectos da vida profissional e pessoal dos trabalhadores da educação como condição fundamental para um bom desempenho e para garantir seu direito a um trabalho que seja fonte de alegria e realização.

Falar das e dos docentes sempre é importante. Pode-se abordar a questão desde sua função propriamente dita, em relação ao papel que jogam nas diferentes atividades educativas, quaisquer que sejam as particularidades ou perspectivas do olhar, ou desde a dimensão pessoal de aqueles que encarnam estas funções, mas o certo é que ambos aspectos, função e pessoa vão da mãos dadas. (GÓMEZ, 2005, p. 3).

Mais que salário, condição de trabalho

Quando se fala de condições de trabalho, associa-se, de modo predominante, a salários. De fato, as demandas por melhores condições de trabalho, em geral, têm estado limitadas a demandas para melhorar o ingresso dos trabalhadores. Essa compreensão tem levado a ocultar o conjunto de variáveis que define a realização da função no entorno laboral e o efeito que causa no desempenho, no bem-estar e na saúde dos trabalhadores (UGTE, 2013).

As condições de trabalho são entendidas como o conjunto de dimensões sociais, pessoais e físicas que convergem nos ambientes laborais e têm efeitos explícitos ou implícitos no desempenho (UNESCO, 2005).

As condições de trabalho incluem aspectos materiais e aspectos sociais. No caso da docência, estes últimos se observam desde o ponto mais concreto, onde se realiza a docência (a sala de aula e os alunos) até o espaço mais amplo que corresponde ao entorno físico e psicossocial das escolas. As condições sociais de trabalho incluem, também, as relações de trabalho entre colegas e as relações com os superiores. (PARRA, 2005a, p. 73).

O Instituto Sindical de Trabalho, Ambiente e Saúde vai além ao sinalar que “se entende como condições de trabalho qualquer aspecto do trabalho com possíveis consequências negativas para a saúde dos trabalhadores, incluindo, além dos aspectos ambientais e os tecnológicos, as questões de organização e ordenação do trabalho.” (ISTAS, 2013a).

Algumas contribuições na AL

“Na América Latina têm se realizado estudos sobre condições de trabalho e saúde dos docentes aproximadamente desde a década de 1970.” (PARRA, 2005b, p. 20). Alguns dos mais importantes podem ser situados, em primeiro lugar, nos trabalhos preliminares do Programa de Economia do Trabalho no Chile; na enquete sobre saúde e condições de trabalho de 1988, realizada pela Associação do Magistério de Santa Fé (Amsafe), que colocou o tema na agenda sindical (KOHEN, 2005b); no estudo promovido pelo mesmo sindicato em 1992 em Rosário, com a Faculdade de Psicologia; nas enquetes nacionais realizadas na Argentina pela Confederação de Trabalhadores da Educação da República Argentina (Ctera) (1994 e 1995); na investigação no Equador realizada pelo Centro Nacional de Investigações Sociais e Educativas (Cenaise), com a participação da União Nacional de Educadores e o apoio do Ministério de Educação (1995 e 1996). Esses primeiros estudos, além de mostrar uma realidade preocupante, contribuíram para a constituição de linhas e equipes de trabalho que têm desenvolvido metodologias qualitativas e quantitativas de estudo da realidade laboral da docência (PARRA, 2005b).

Posteriormente, em 1999, apareceu no Brasil o livro *Educação: carinho e trabalho* (CODO, 1999), que reflete sobre os dados de uma importante pesquisa com professores, funcionários e especialistas da rede de ensino pública estatal sobre condições de trabalho e saúde mental, a qual foi promovida pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT) da Universidade de Brasília (UnB). No Peru, o Instituto de Pedagogia Popular (IPP, 2004) realizou um estudo sobre a saúde de estudantes e docentes. Em 2005, foi publicada a pesquisa da Unesco, com participação de centros acadêmicos e organizações docentes, que reuniu estudos de caso em seis países (Argentina, Chile, Equador, México, Peru e Uruguai), com a participação de universidades, centros de pesquisas, organizações docentes e ministérios da educação.

Somam-se a isto contribuições bibliográficas levantadas por diversos autores, como Martínez (2001)², Kohen (2005c)³ e Parra (2005b)⁴, e, sem dúvida, os estudos e trabalhos desenvolvidos por Esteve (1984, 1987), que introduziu o conceito de mal-estar docente na análise do impacto do trabalho na vida. Igual valor têm as contribuições realizadas por organizações e coletivos docentes da América Latina para gerar conhecimento e sensibilidade sobre a saúde dos trabalhadores da educação, destacadas por diversos autores (CODO, 1999; KOHEN; VALLES, 1994; MARTÍNEZ, 2001, 2002; PARRA, 2005a).

Alguns dados relevantes

A aproximação da saúde docente como um tema de política pública identifica, pelo menos, três aspectos-chave para sua análise (KOHEN, 2005c; PARRA, 2005b; ROBALINO, 2005):

- » uma abordagem integral da saúde dos trabalhadores como um estado de equilíbrio físico, fisiológico, mental e social que não se constitui de modo isolado, mas na relação e interação direta com fatores familiares, laborais, econômicos, culturais e sociais;
- » uma compreensão da escola como um centro de trabalho, que possui um conjunto de condições materiais e sociais na geração de processos que podem contribuir para a realização pessoal e profissional ou que, pelo contrário, podem afetar negativamente, desencadeando sintomatologias e/ou doenças que afetem o bem-estar do docente e a maneira como desempenha o seu trabalho;
- » o reconhecimento da profissão docente em suas múltiplas dimensões: trabalho na sala de aula; interação com os colegas, estudantes, famílias e comunidade; relação com as políticas educativas; interação com o entorno familiar, territorial e social etc.

Os estudos realizados sob essa perspectiva teórica e metodológica dão conta de um perfil de saúde-doença dos docentes em relação às condições de trabalho e de vida, que coincidem nos aspectos principais, sem desconhecer as especificidades dos países e dos centros de trabalho. Por exemplo, o estudo exploratório impulsionado pela Unesco (2005), sem ter uma precisão estatística pela natureza do projeto, permite observar algumas tendências nas condições de trabalho e na saúde docente. A pesquisa mostra que os professores destinam uma grande quantidade de horas ao trabalho docente, o que resulta em soma de tempo de trabalho remunerado e de tempo de trabalho não remunerado fora do horário. Em outras palavras, por um lado, o expediente laboral deixa pouco tempo para o descanso e, por outro, o trabalho docente invade o espaço doméstico, afetando o uso do tempo livre, o contato com a família e o lazer, fato que constitui aspecto natural da profissão e não é questionado pelos docentes.

A infraestrutura física não considera tipicamente os espaços próprios para os professores, de modo que não existem salas para a preparação de aulas e materiais, muito menos salas para descanso. Os prédios escolares não estão construídos de acordo com as normas técnicas de prevenção de riscos e existem problemas de segurança nos prédios, especialmente de segurança contra incêndios. Já o entorno social que rodeia a escola é considerado pelos professores um dos fatores que tornam mais complexo o trabalho docente, estabelecendo uma relação entre desempenho e problemas sociais que afetam os alunos.

Os problemas apresentados pelos alunos, mesmo contribuindo em certa medida para a carga de trabalho docente, não representam um obstáculo na mesma magnitude que os problemas institucionais; destacam-se, nesse plano, a falta de materiais, a falta de especialistas e a falta de apoio das famílias. Por sua vez, a violência é percebida como um problema sério dentro das escolas, sendo que uma porcentagem considerável de docentes tem sofrido ameaças concretas à sua integridade física, percebendo-se que existem formas de violência organizada dentro dos estabelecimentos.

Quanto às relações que se estabelecem entre colegas e às possibilidades de aplicar criatividade, assim como ser autônomos no seu trabalho, os docentes encontram uma fonte de satisfação nelas. Por outro lado, entre os fatores de insatisfação, destacam-se a falta de valorização social do trabalho docente e o conteúdo das relações com os superiores, que, mesmo cordiais, são criticadas em sua função e no aspecto técnico.

O perfil patológico é bastante similar nos diferentes países, estabelecendo-se três grandes categorias de problemas de saúde: os associados à exigência ergonômica (disfonia, alterações musculoesqueléticas), os de saúde mental e os de saúde geral. Entre os problemas de saúde mental, observa-se uma alta proporção de pessoas que têm recebido o diagnóstico de depressão. Ainda, na escala de Burnout⁵, o índice de cansaço emocional é o que mais se destaca, além do índice de ganhos pessoais; por seu turno, o índice de endurecimento emocional (despersonalização, em outra literatura) alcançou baixas pontuações no estudo. Já entre os problemas de saúde geral, aparecem as

doenças crônicas, dada a alta carga de fatores de risco que aparecem no estudo (faixa etária de risco, sedentarismo, dificuldades para melhorar hábitos dietéticos, excesso de jornada, trabalho de alta demanda com baixo suporte social).

Por sua vez, a pesquisa realizada recentemente no Brasil (OLIVEIRA; FRAGA, 2012) sobre o trabalho docente no ensino básico explora, entre outros campos, as condições de trabalho associadas à saúde docente e coincide, fundamentalmente, com os dados do estudo da Unesco e com as pesquisas realizadas em outros países (IPP, 2004; TOMASINA, 2008). Seus dados revelam que o expediente laboral dos docentes vai além do tempo regulado, remunerado e reconhecido, sendo que quase a metade dos entrevistados leva trabalho para casa, ou seja, o trabalho invade o espaço familiar, o tempo de descanso e o lazer dos docentes, deixando pouco tempo para a reposição de energias. Ainda, condições pedagógicas como as referentes ao excessivo número de alunos por sala e a falta de apoio pedagógico são uma carga que afeta o trabalho docente.

A violência dentro e fora da escola, mencionada também em outros estudos (KOHEN, 2005b), aparece como o fator mais importante que interfere no trabalho da escola e é uma fonte de tensão e insegurança para os docentes. Além disso, a pesquisa no Brasil confirma a tendência de estudos similares em relação à prevalência nos trabalhadores da educação principalmente de doenças respiratórias, alterações de voz, estresse e alterações da saúde mental. Sem perder de vista as dimensões individuais (idade, genéticas, familiares etc.), que são fatores extralaborais, a frequência com que se apresentam essas doenças e a clara relação com processos perigosos do trabalho docente ratificam a existência de doenças associadas às atividades laborais nas escolas.

Um tema de política pública

A atenção à saúde laboral é uma condição necessária para contribuir para um adequado desempenho dos profissionais da educação. “A saúde, entendida integralmente, depende de um equilíbrio social, psicológico, fisiológico e biológico. É um conceito superior ao mero fato de não estar doente.” (MONGE, 2002, p. 1).

Entende-se a saúde como um processo social. Os processos sociais não são mero contexto externo, mas elementos geradores da saúde (LAURELL, 1991). As atividades laborais têm um efeito direto na saúde dos trabalhadores; ainda mais, trabalho e saúde são duas categorias que interagem e recebem influências mútuas.

A saúde laboral se constrói no adequado meio ambiente de trabalho, com condições de trabalho justas, onde os trabalhadores e trabalhadoras possam desenvolver uma atividade com dignidade e onde seja possível sua participação para a melhora das condições de saúde e segurança. (ISTAS, 2013b).

Apesar da estreita relação entre as condições de trabalho nas quais se realiza o labor docente, a saúde dos professores e os resultados do seu desempenho, esse tema tem se mantido na esfera pessoal (PARRA, 2005b). De acordo com Tomasina e Levin (2000), o modelo de saúde dominante está caracterizado pela não participação e hegemonizado pelos técnicos como uma prática individual profundamente medicalizada, que concebe o trabalho como externo ao ser e o trabalhador como único responsável pela sua saúde. Na prática da saúde convencional, os problemas identificados no trabalho aparecem isolados entre si, presentes pelo acaso e vinculados linearmente à saúde do trabalhador.

A caracterização da docência como trabalho implica compreender, do mesmo modo, que os processos de saúde-doença dos trabalhadores da educação têm um conjunto de determinações sociais, políticas, culturais, individuais.

A saúde é um fenômeno eminentemente humano e não um fato biológico-natural. Portanto, defendemos o ponto de vista onde o esforço por entender a determinação da saúde vai além da utilização de esquemas de causalidade e não deve ser confundido com uma associação empiricista entre condições de saúde e fatores sociais. (NOGUEIRA, 2010, p. 8).

De fato, o conceito de saúde dos trabalhadores, segundo Tomasina e Levin (2000), é qualitativamente superior ao conceito de saúde ocupacional tradicional. É, propriamente, um espaço de construção de conhecimentos, práticas e saberes sobre a saúde dos trabalhadores; é, em si próprio, um âmbito de prática e reflexão para a apropriação e socialização por parte dos trabalhadores de conhecimentos sobre sua área de trabalho, orientadas à ação participativa e transformadora de sua saúde (ROBALINO, 2012).

Ser professor nos novos cenários de agudização da pobreza e a exclusão social, do surgimento de novas configurações familiares e identidades juvenis, no marco das aceleradas transformações culturais e dos modos de processar o conhecimento e a informação, pode ser uma oportunidade para desenvolver novos conhecimentos [...] para assumir o controle sobre sua prática... ocupando um papel protagonista na transmissão e produção cultural, construindo novos sentidos para a função de ensinar [...]. (VEZUB, 2005, p. 4).

A docência, como atividade laboral humana, tem um polo negativo e um positivo (BETANCOURT, 1999) e pode desencadear processos perigosos para a saúde física e mental, assim como pode gerar processos estimulantes e protetores para a saúde e a vida dos trabalhadores. Daí a necessidade de avançar em paralelo nos processos de formação e intervenção sistemáticos, destinados a atender integralmente à saúde dos trabalhadores da educação e suas condições de trabalho; nos processos de aprofundamento de linhas de pesquisa que acrescentem novo conhecimento para a formulação de políticas com enfoque intersetorial; e no fortalecimento dos espaços de participação dos trabalhadores da educação para refletir e agir para a proteção de sua saúde, apoiando

a formação de profissionais reflexivos e, ao mesmo tempo, saudáveis, o que nos leva a olhar o trabalho docente sob outras vertentes (SIME, 2006).

Dessas reflexões, verifica-se a necessidade de promover práticas sociais que integrem diversos atores e poderes, além do poder do Estado (GRANDA, 2004), e que estimulem e fortaleçam o acionamento dos sujeitos individuais e coletivos, de movimentos e organizações sociais que promovam a saúde e controlem socialmente o cumprimento dos deveres encomendados ao Estado e as corresponsabilidades dos diferentes setores e atores nesse novo olhar do bem-estar integral dos docentes, que recupera a dimensão humana da profissão, sem perder o sentido profundo de responsabilidade social.

Recebido em outubro de 2012 e aprovado em dezembro de 2012

Notas

- 1 Grupos de pesquisas, redes e coletivos docentes, além dos centros de geração de conhecimento de organizações docentes, estão efetuando grandes contribuições sobre as outras dimensões do trabalho docente. Este é o caso da Red Estrado, Expedição Pedagógica, Rede de Qualificação de Educadores na Colômbia, Rede Transformación de la Educación Básica desde la Escuela (Tebes) no México, Rede Docentes que Hacen Investigación Educativa (Dhie) na Argentina, para citar alguns exemplos.
- 2 Martínez (2001) publicou o livro *Abriendo el presente de una modernidad inconclusa: treinta años de estudios del trabajo docente*, no qual resume as pesquisas da década de 1990 sobre o tema.
- 3 Kohen (2005c) sintetizou 12 anos de pesquisa sobre saúde e trabalho docente em sua tese *La problemática del trabajo infantil y docente en el contexto de las nuevas vulnerabilidades. Del impacto negativo en la salud a la búsqueda de procesos saludables*.
- 4 Parra (2005b) realizou um levantamento bibliográfico sobre a saúde docente como parte da pesquisa promovida pela Unesco.
- 5 “Síndrome de Burnout (‘estar queimado’) é um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Foram feitos estudos, particularmente, em profissões que têm uma relação direta com os usuários de um serviço e onde essa relação leva um alto componente de experiências de intercâmbio emocional. De fato não é uma doença, mas caracteriza o tipo de resposta, que se define operacionalmente como o resultado de três componentes: esgotamento emocional (sensação de estar emocionalmente sobrecarregado e de haver esgotado os recursos emocionais), realização pessoal (sensação de ganhos e competências no trabalho) e despersonalização (este último componente tem sido conceitualizado como endurecimento emocional e refere-se à sensação de uma resposta insensível e distante aos receptores do serviço).” (UNESCO, 2005, p. 39).

Referências

BETANCOURT, Oscar. **Para la enseñanza y la investigación de la salud y seguridad en el trabajo**. Quito: OPS/OMS-FUNSA, 1999.

BIRGIN, Alejandra. La docencia como trabajo: la construcción de nuevas pautas de inclusión y exclusión. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudencio (Comps.). **La ciudadanía negada**. Políticas de exclusión en la educación y el trabajo. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

ESTEVE, José Manuel. **Profesores en conflicto**. Madrid: Narce, 1984.

_____. **El malestar docente**. Madrid: Paidós, 1987.

GÓMEZ, Teresita. Una palabra de la editora. **Revista Didac**, Ciudad de México, n. 46, p. 2-3, Otoño 2005.

GRANDA, Edmundo. ¿A qué llamamos salud colectiva hoy? **Revista Cubana de Salud Pública**, La Habana, v. 30, n. 2, p. 148-159, ene./mar. 2004.

INSTITUTO DE PEDAGOGÍA POPULAR (IPP). **Informe nº 23**. Lima, mayo 2004.

INSTITUTO SINDICAL DE TRABAJO, AMBIENTE Y SALUD (ISTAS). Daños a la salud. **ISTAS**, Salud laboral. Disponible em: <<http://www.istas.net/web/index.asp?idpagina=2142>>. Acceso em: mar. 2013.

_____. Salud laboral. **ISTAS**, Salud laboral. Disponible em: <<http://www.istas.net/web/index.asp?idpagina=1233>>. Acceso em: mar. 2013.

KOHEN, Jorge. Entrevista. **Revista Docencia**, Santiago de Chile, n. 25, p. 41-71, mayo 2005a.

_____. **Estudio de caso en Argentina**. En Condiciones de Trabajo y Salud Docente: otras dimensiones del desempeño profesional. Santiago de Chile: OREALC/UNESCO, 2005b.

_____. **La problemática del trabajo infantil y docente en el contexto de las nuevas vulnerabilidades. Del impacto negativo en la salud a la búsqueda de procesos saludables**. 2005. Tesis (Doctoral) – Universidad de Rosario, Rosario, 2005c.

KOHEN, Jorge; VALLES, Iris. Crisis educativa y salud laboral docente. **Salud de los trabajadores**, Maracay, año 2, n. 2, p. 143-151, 1994.

LAURELL, Asa Cristina. Trabajo y salud: estado del conocimientos. In: FRANCO, Saúl et al. (Eds.). **Debates en medicina social**. Quito: OPS/ALAMES, 1991. (Serie Desarrollo de Recursos Humanos, n. 92).

MARTÍNEZ, Deolidia. Abriendo el presente de una modernidad inconclusa: treinta años de estudios del trabajo docente. In: LATIN AMERICAN ASSOCIATION INTERNATIONAL CONGRESS, 23., 2001, Washington, DC. **Anais...** Washington, DC: LAA, 2001.

_____. **Crónicas del malestar docente**. Buenos Aires: Noveduc, 2002. (Colección Experiencias y Ensayos, n. 42).

MONGE, Adriana. Encuadre teórico conceptual del malestar docente. In: CARDELLI, Jorge; DATRI, Edgardo; DUHALDE, Miguel (Comps.). **Docentes que hacen investigación educativa**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002. Tomo 1.

NOGUEIRA, Roberto. Repensando a determinação da saúde. In: _____ (Org.). **Determinação social da saúde e reforma sanitária**. Rio de Janeiro: CEBES, 2010.

OLIVEIRA, Dalila; FRAGA, Livia (Orgs.). **Trabalho na educação básica**: a condição docente em sete estados brasileiros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIENCIA Y LA CULTURA (UNESCO). **Condiciones de trabajo y salud docente**: otras dimensiones del desempeño profesional. Santiago de Chile: OREALC/UNESCO, 2005.

PARRA, Manuel. Condiciones de trabajo y salud de los docentes en Chile. **Revista Docencia**, Santiago de Chile, n. 26, p. 72-84, ago. 2005a.

_____. Estudio introductorio de la salud docente y estudio de caso de Chile. In: ROBALINO, Magaly; KÖRNER, Anton (Coords). **Condiciones de trabajo y salud docente**: otras dimensiones del desempeño profesional. Santiago de Chile: OREALC/UNESCO, 2005b.

ROBALINO, Magaly. **Introducción a la publicación condiciones de trabajo y salud docente**: otras dimensiones del desempeño profesional. Santiago de Chile: OREALC/UNESCO, 2005.

_____. A saúde e o trabalho docente: um desafio para as políticas públicas da educação. In: OLIVEIRA, Dalila; FRAGA, Livia (Orgs.). **Trabalho na educação básica**: a condição docente em sete estados brasileiros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

_____. **La educación de los docentes en un escenario de cambios sociales**. Ecuador: aportes de una estrategia en construcción. Publicación en imprenta. Lima, 2013.

SIME, Luis. Explorando el trabajo y la trayectoria docente a través del portafolio. In: SEMINARIO DE LA RED ESTRADO: REGULACIÓN EDUCACIONAL Y TRABAJO DOCENTE, 6. 2006, Río de Janeiro. **Anais...** Río de Janeiro: RED ESTRADO, 2006.

TOMASINA, Fernando et al. **Condiciones de trabajo y salud**. Montevideo: Tradinco, 2008.

TOMASINA, Fernando; LEVIN, Rodolfo. La salud ocupacional en el Uruguay. Experiencia de extensión del Departamento de Salud Ocupacional. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE MEDICINA SOCIAL, 8., La Habana, 2000. **Anais...** La Habana: [s.n.], 2000.

UNIÓN GENERAL DE TRABAJADORES DE ESPAÑA (UGTE). **Prevención de riesgos laborales**. Condiciones de trabajo. Disponível em: <<http://www.ugt.es/campanas/condicionesdetrabajo.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

VEZUB, Lea. Ejercer la docencia: ¿vocación, trabajo, profesión, oficio? **Revista Didac**, Ciudad de México, n. 46, p. 4-9, Otoño 2005.

Health and education work in Latin America

ABSTRACT: This article studies the relationship between working conditions and health, which embodies a broad understanding of the factors which affect the performance, well-being and happiness of teachers in the exercise of their profession. Work can contribute to personal and professional fulfillment or can trigger pathologies which affect well-being and performance. Teacher's health is a topic on the educational policy agenda and not something restricted to the sector and to personal responsibility.

Keywords: Working conditions of teachers. Health of education workers. Labor induced diseases. Teacher policies.

La santé et le travail dans l'éducation en Amérique Latine

RÉSUMÉ: Cet article traite de la relation entre les conditions de travail et la santé, recouvrant une compréhension intégrale des facteurs qui ont une incidence sur l'efficacité, le bien-être et le bonheur des enseignants dans l'exercice de leur profession. Le travail peut contribuer à la réalisation personnelle et professionnelle ou déclencher des pathologies qui affectent le bien-être des travailleurs de l'éducation et leur efficacité. La santé des enseignants est donc un thème de l'agenda de la politique éducative, pas restreint au domaine et à la responsabilité personnelle.

Mots-clés: Conditions de travail des enseignants. Santé des travailleurs de l'éducation. Maladies professionnelles. Politiques intégrales d'enseignement.

La salud y el trabajo en la educación de América Latina

RESUMEN: Este artículo aborda la relación entre las condiciones de trabajo y de salud, abarcando la comprensión integral de factores que inciden en el desempeño, bienestar y felicidad de los docentes en el ejercicio de la profesión. El trabajo puede contribuir para la realización personal y profesional o desencadenar patologías que afectan el bienestar y el desempeño. La salud de los docentes es un tema que está en la agenda de la política educativa y no está restringido al sector y a la responsabilidad personal.

Palabras clave: Condiciones de trabajo docente. Salud de los trabajadores de la educación. Enfermedades laborales. Políticas docentes.